

ESSE

PORTUGAL

NÃO

EXISTE

A. Gomes da Costa



O sr. José Cardoso Pires veio ao Brasil para assistir ao lançamento de seu último livro "O Delfim". Tratando-se de um dos autores mais notáveis da ficção portuguesa contemporânea — embora ainda pouco conhecido entre nós, achamos formidável a idéia e aplaudimos a iniciativa.

Naturalmente, esperávamos que no jôgo da publicidade indispensável ao sucesso do empreendimento, o ilustre visitante, em cá chegando, desse algumas entrevistas aos jornais, autografasse livros e recebesse, para um cavaco amigo, os críticos literários da terra. Por ser um demolidor de tradições, não contávamos em vê-lo, está claro, nos corredores da Academia, a tomar o chá morno das quintas-feiras; e, por lhe reconhecermos inteligência e lucidez, tínhamos para nós que saberia planar acima do trivial e fugir daquela espécie de complexo, que consiste em atribuir ao sistema político, seja ele qual fôr, as crises de talento e as mediocridades da época.

Reconheçamos que Sua Senhoria fêz um pouco de força para isso: não foi comer os bôlos de polvilho à casa do velho Machado e falou-nos das tendências atuais da literatura portuguesa, da temática de suas obras, das novas técnicas do romance e das estruturas flexíveis da poesia. Referiu-se, também, às dificuldades que os escritores deste século tiveram para se libertarem dos esquemas legados pelas figuras exponenciais da fase romântico-naturalista e, numa prova de seu gosto por romper com os padrões escolásticos, afirmou, a determinada altura, enquanto mexia o gelo do uísque com o indicador: "hoje, os ensinamentos que Eça de Queiróz pode dar a um escritor português são nulos, sob o ponto de vista lingüístico".

Para o nosso Pires, o importante é desarrumar a casa, tirar de cima da mesa os bustos de Camilo e do autor de "Os Maias", jogar na cesta dos papéis os manguitos de alpaca, esquecer a gramática — e escrever! Pode-se achar algum exagero na liturgia do mestre, porém, se o labor criativo lhe exige todos estes requisitos a gente bem o compreende em nome de "O Delfim" e de "A Cartilha do Marialva".

Ainda sem sair dos domínios da literatura, o romancista patricio, em sua entrevista ao *Correio da Manhã*, aludiu aos compromissos do escritor com a realidade de seu país. Compromissos que existem apenas no sentido de conhecer os problemas da terra.

Em os conhecendo, daí por diante, basta assumir uma posição de protesto, de rebeldia contra o *establishment*, de contestação contra os vigamentos sociais preponderantes. As crises da burguesia e as aspirações do proletariado; as fraturas da moral ou o ciclo da industrialização; a decadência da autoridade ou o irrequietismo da juventude — são temas que servem, se tanto, para objeto da obra literária. "Eu não acredito, em nenhuma circunstância, na função social do escritor, que não seja de protesto". Mesmo porque ele escreve para um tempo além de si mesmo, diz o sr. Cardoso Pires, o que lhe impede de organizar a sua obra politicamente a serviço de um programa.

Poderia interpretar-se esse desligamento como fuga aos desafios da nossa época? Ou não deve o escritor inquietar-se com as soluções que precisam ser arrumadas para os problemas de hoje, encastelando-se no reino impalpável da perfeição e da fantasia? Não terá, por acaso, valor maior o engajamento pleno na realidade concreta, do que o "faro mais longo" e mais insequente?

Deixando de lado a literatura e a análise crítica e intimista de seus livros, o que realmente nos contundi e desgostou nas declarações do autor de "Os Caminheiros", foi o seu esforço para dar, aqui de Portugal, a imagem de uma Pátria culturalmente mutilada pelo governo de Salazar. Em seu julgamento severo, o Estado-Novo não apenas sufocou o trabalho dos artistas e cientistas de seu tempo — das gerações que o suportaram. Foi muito mais longe, e impediu que outras gerações se manifestassem. O regime teria esterilizado a Raça e empobrecido a Universidade!

Não temos técnicos, nem artistas, nem escritores, nem professores, pois a culpa é de Salazar. Não construímos fábricas, não abrimos estradas, não levantamos barragens, não erguemos pontes, não temos desenvolvimento, não possuímos escolas, não evoluímos, não pensamos — ainda a culpa é de Salazar. Falta-nos talento, imaginação, espírito de grandeza, orgulho nacional — mais uma vez e sempre a culpa é de Salazar! Vá lá, com seiscentos diabos, que não é de El-Rei D. Miguel ou o sr. Abuso Costa!

Aí temos uma forma fácil de justificar o que nos falta de bom — e das mazelas que mostramos. Principalmente junto àqueles setores predispostos ao estereótipo e avessos à filosofia política do velho Mes-

tre de Coimbra. O que nos faz lembrar a passagem do filme de Marco Vicário e Rossana Podestá, *Il Pre-ke Sposato*, quando o psiquiatra, sob os claustros, se gredava ao jovem reverendo que a origem de suas alucinações não estava no fascínio de Roma, nem nos relatos eróticos do confessorário, nem na "dolce-vida" do bairro aristocrático, senão nos desejos reprimidos e no esbulhamento orgânico a que se impunha pela continência sexual.

Mas o padre, apesar dos conselhos deslizantes, guardou castidade. Guardou-a e continuou a ver sexo em tôda a parte: no sofá do monsenhor e na piscina da marquês, na hora da oração e na visita aos museus, sob as minissaias das mulheres da vida e sob as batinas escarlates dos seminaristas.

Depois de considerar o regime como refratário à cultura — Salazar foi um homem terrivelmente inimigo dela — e de diagnosticar o óbvio — Portugal é um verdadeiro conjunto de problemas. Temos lá alguns setores grandemente desenvolvidos e outros extremamente recuados — o sr. Cardoso Pires assegurou-nos que, apesar de tudo isso, o "país está numa de suas fases mais ricas na literatura".

E como é ele próprio a dizer-nos que temos excelentes romancistas e poetas, e temos técnicos de alto gabarito, e temos artistas da melhor qualidade; e temos a funcionar, estradas, escolas, laboratórios, estaleiros, siderurgias; e temos como nunca a vocação de fazer — então pode-se concluir não ser tão grave como nos queria pintar a situação da sociedade portuguesa, nem terem sido tão daninhas as conseqüências da política mal-amada do Estado-Novo.

Parece-nos que o autor de "O Delfim", pretendendo descarnar, entre uma dose de *scotch* e um charuto da Bahia, o regime salazarista, como fêz com a aristocracia agrária, acabou por deferir-lhe algumas concessões positivas e escreveu-lhe a apologia nas estrelinhas. De qualquer forma, foi lamentável que viesse ao Brasil com a mesma obsessão do padre da aldeia italiana e nos quisesse impingir a imagem de um país sufocado, estéril, medroso, por causa do homem que durante 40 anos dirigiu seus destinos. Esse Portugal, reprimido e parado, não existe. Esse Salazar, inimigo da cultura, nunca existiu. É mais uma ficção do escritor. E não precisava dela para subir na fama — e soltar "O Delfim".

"Eu não acredito, em nenhuma circunstância, na função social do escritor, que não seja de protesto."
Palavras de Cardoso Pires. Então perguntamos: Mas como função social? A obra de um escritor deve estar sempre pronta para o engajamento, quer seja da situação ou da oposição. Em caso contrário, o protesto pelo protesto vira anarquia.